

Molduras teleaudiovisuais do debate eleitoral: a resignificação das *personas*¹

SILVA, Amaury²
MONTAÑO, Sonia³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

RESUMO

O presente artigo busca compreender a construção de sentidos nos/dos debates eleitorais televisivos para presidente, observando o último debate eleitoral da TV Globo no primeiro turno de 2018. Sob a perspectiva conceitual da tecnocultura audiovisual, pensamos os debates televisivos na sua complexidade em rede, com os diversos sujeitos que participam dessa grande montagem. A metodologia das molduras (KILPP, 2010), nos ajuda a perceber os debates como um construto que através de territórios de experiência e significação dão determinados sentidos ao objeto em questão. Mencionamos aqui as principais molduras que entendemos compõem esse debate e abordamos mais a fundo a moldura *personas* que vão sendo construídas na televisão no debate e fora dele, com sentidos que se multiplicam, reforçam ou diversificam nas interfaces do Twitter.

PALAVRAS-CHAVE: tecnocultura; debate eleitoral; teleaudiovisualidades; *personas*

1 Introdução

Há muitas maneiras de pensar a política em seus debates eleitorais para presidente e muitas formas de refletir sobre o televisivo. Discutiremos nas páginas a seguir uma escolha teórico-metodológica que nos ajude a pensar o debate eleitoral televisivo, considerado aqui um construto oriundo dos mundos propriamente televisivos, com suas lógicas e práticas específicas tornados teleaudiovisuais pelo compartilhamento nas redes. Os candidatos, o debate, as promessas, são, na verdade, construtos televisivos nos confins do programa em questão. Tratam-se de conceitos de mundo que são dados a ver como se fossem o próprio mundo, ou, o que Flusser (2002) chama de imagens técnicas, produzidas por um aparelho que se torna cada vez mais complexo.

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Televisualidades, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, e-mail: amaurysilva611@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, e-mail: soniam@unisin.br.

Sob essa perspectiva, queremos refletir aqui sobre o último debate televisivo do primeiro turno para as Eleições Presidenciais de 2018 no Brasil, exibido pela TV Globo no dia 05/10/2018. O nosso objetivo é sintetizar aqui as molduras (territórios de significação e experiência) nas que os atuais debates eleitorais se constroem.

2 Molduras televisivas: territórios de experiência e significação

Para compreender um pouco melhor nossa perspectiva teórico-metodológica, os conceitos de molduras, ethicidades e imaginários (KILPP, 2010) são fundamentais. As molduras são territórios de experiência e significação de construtos midiáticos (as ethicidades), cujo sentido último é agenciado por conta dos imaginários minimamente compartilhados entre todos os partícipes do processo comunicacional.

Os mundos televisivos vão se atualizando na medida em que a TV também o faz e nela os debates eleitorais, entre tantos outros construtos. Pensar o audiovisual não como algo que se esgota nas mídias reconhecidamente audiovisuais e sim como algo que vai além delas é, em certa forma, o centro da expressão audiovisualidades (KILPP, 2018). O conceito resgata de Eisenstein (2002) a ideia de cinematismo, no qual ele defendia que todas as artes estavam presentes no cinema, assim como muitas artes eram “cinematográficas”, mesmo que o cinema tenha se constituído posteriormente a elas.

Nesse sentido Kilpp (2018) propõe o termo teleaudiovisualidades, já que permite pensar a TV dentro da TV, mas também a TV dentro da *internet* ou seus rastros em qualquer outro meio. Para a autora, o termo teleaudiovisualidades seria mais completo do que o de audiovisualidades por que dão ênfase ao som que acompanha essas imagens, geralmente relevado nos estudos do audiovisual. Adotamos aqui o termo teleaudiovisualidades do debate televisivo para pensar as diversas formas em que são dados sentidos ao debate eleitoral na sua construção visual e sonora, entre a televisão e as redes sociais.

A ideia de pensar as mídias como usina de reciclagem de restos culturais já estava muito presente em diversos autores dos estudos culturais como Williams (1969); Hoggart (1973) e Thompson (1987), e, anteriormente, em autores como Walter Benjamin (2000), para quem usar os restos culturais eram uma forma de redenção da história. Pensemos, por exemplo, naquilo que chamamos de “candidatos”, que seriam algumas das personas televisivas que aparecem em um debate. Culturalmente temos uma ideia do que seja um candidato, e alguns significados que são dados a ele. O

candidato em questão é uma construção teleaudiovisual com técnicas e estéticas específicas que se misturam com a experiência cultural de “candidato” que pairam numa cultura como restos imaginários minimamente compartilhados.

3 A desconstrução sonora e visual das Teleaudiovisualidades

As multiplicidades midiáticas que se movimentam no universo tecnocultural (FISCHER, 2013) são responsáveis por uma topografia diversa para a TV, e desse arranjo podem ser extraídas significativas projeções para pensar as teleaudiovisualidades. Lembramos aqui mais uma vez McLuhan (1964), quando afirma que toda nova mídia cria um ambiente que transforma as instituições, as sociabilidades, a forma de ver o mundo e, inclusive, transforma as mídias anteriores. A tela da TV é um desses elementos contidos no dispositivo e indissociável na construção da mensagem, do sentido. Com a multiplicação de dispositivos multimídias, como *smartphones*, *smarttvs*, etc, o televisivo é mobilizado pela amplitude de significação. Nos termos anteriores, podemos dizer que as teleaudiovisualidade que se atualizam em diversas formas em rede.

Ao definir a segunda tela, Rodrigues (2014) aciona a incidência de duas telas, com a vinculação proposital da mensagem que é apresentada em uma plataforma que se pode considerar central e outra em uma plataforma secundária. Com isso, desenha-se o aparato do dispositivo que se conecta à *Internet* e que é acionado e utilizado, paralelamente à TV. Contudo, reforçamos que não pensamos aqui o debate eleitoral como tendo um lugar central e outros secundários e sim como teleaudiovisualidade numa multiplicidade de espaços e tempos que se reafirmam e tensionam ao mesmo tempo. Enquanto o debate vai acontecendo na TV ao vivo ele tem suas parcerias com as próprias empresas “ponto com” que também participam da transmissão com suas próprias interfaces (que são molduras específicas em cada rede), e diversos usuários se apropriam de imagens, de frases, ou constroem suas próprias imagens sobre o evento. O debate eleitoral na nossa perspectiva tecnocultural passa por todas essas interfaces sem considerarmos umas menores que as outras ou meras repercussões. Do mesmo modo, as teleaudiovisualidades do debate eleitoral apresentam uma montagem sonora peculiar.

Ao som da TV ao vivo, fundamentalmente vococêntrica como apontado por Chion (2011) somam-se as marcas sonoras próprias dos dispositivos móveis quando ascendem, quando recebem uma mensagem, quando escrevem em teclados, numa constante de

ruídos que escutamos, mas, não ouvimos. Eles fazem parte da construção sonora do debate eleitoral televisivo tanto quanto os sons externos à televisão. As montagens feitas por espectadores pelo controle remoto fazem parte do televisivo, tanto quanto as montagens contemporâneas que possíveis por outros dispositivos. Nesse sentido, abrimos um parêntese para pensar a escuta oblíqua (AZEVEDO, 2017), que parte de um pressuposto para distinguir as ações de ouvir e escutar trazendo para o primeiro plano um elemento sonoro aleatório e reorganizando assim todos os sons coexistentes numa montagem.

4 O televisivo e o político: principais molduras

A gênese dos debates eleitorais televisivos em um panorama mundial remonta à década de 1960, nos EUA, conforme Neto (2012), ao ser transmitido um debate televisivo entre os candidatos que disputavam a Presidência da República em 26/09/1960, entre John Kennedy e Richard Nixon. O evento pioneiro mereceu de McLuhan (1964) uma análise que transcendeu os parâmetros comuns do discurso oral (conteúdo) e dados quantitativos da audiência, concentrando-se na natureza da imagem televisiva. McLuhan (1964) define a TV como um meio frio, isto é, tem a capacidade de envolvimento do telespectador e demanda a ativa participação dele para formar a imagem. Essa característica da TV seria um dos motivos determinantes do triunfo no desempenho do candidato Kennedy sobre Nixon. Para o autor, há um ajuste na linha de aceitação para a imagem da personalidade na TV: o tipo indicado para esse meio seria aquele versátil, plural e capaz de variedades, mas, principalmente imperfeito, inacabado como a imagem televisiva. A natureza técnica da TV é um processo que deve ser completado e sua natureza cultural caminha na mesma direção.

A extinta TV Tupi no Brasil, buscou organizar e realizar o nosso primogênito debate eleitoral televisivo também em 1960, de acordo com Weber e Abreu (2009), o que não se concretizou. O primeiro evento televisivo envolvendo debate eleitoral na TV brasileira, como enfatiza Lourenço (2007) teria ocorrido em terras gaúchas, em 1974. Posteriormente, vários eventos em planos regionais foram realizados e, findo o período da ditadura militar brasileira, com o marco das eleições diretas para a Presidência da República, o primeiro debate eleitoral com essa matriz foi concretizado em 1989, pela TV Bandeirantes exatamente em 17/07/1989.

Para a disputa eleitoral referente à Presidência da República, a Rede Globo participou dos debates do segundo turno no ano de 1989, juntamente com um *pool* de emissoras (SBT, Rede Manchete e Rede Bandeirantes). Nas eleições presidenciais de 1994, a Rede Globo não promoveu o debate eleitoral televisivo, sob a justificativa de obstáculos presentes na legislação eleitoral.⁴

Nas eleições de 1998 também a Rede Globo não promoveu os debates eleitorais no primeiro turno, com idêntica alegação. Argumentou que preparava-se para realizar o evento se houvesse o segundo turno, já que ficava mais viável a produção do programa. O então Presidente Fernando Henrique Cardoso não concordou em participar dos debates em primeiro turno, afirmando que o país atravessava grave crise financeira, quadro que reduzia seu tempo para se dedicar a outras tarefas. Como não houve segundo turno, em virtude da vitória de FHC no primeiro embate, a Rede Globo não produziu o debate eleitoral televisivo em 1998.⁵

A partir do pleito eleitoral de 2002 foram realizadas algumas mudanças nos formatos e nas escolhas técnicas e estéticas da Rede Globo em relação aos debates que promoveu, sucessivamente, conforme a própria emissora ia mudando suas práticas. Tradicionalmente, a estrutura do debate eleitoral na TV é relacionada a uma triangulação, com a presença do interlocutor - jornalista entre os enfrentamentos, posicionado esse mediador que articula as indagações e faz o controle disciplinar e regulamentar do debate.

Sobre o debate final da eleição presidencial brasileira de 2002, Verón (2003) compreende existir um indício claro da inauguração de uma terceira etapa na trajetória da disponibilidade que a TV oferece à classe política, quanto aos dispositivos de contato para fins de campanha eleitoral que passa a ter uma configuração complexa de coletivos definidos como exteriores à instituição televisão e atribuídos ao mundo individual, não mediatizado, do destinatário.

Nas eleições presidenciais de 2018, a Globo realizou seu debate nos dias 4 de outubro de 2018, entre as 22 horas e a 1 h do dia seguinte, com a presença de sete candidatos. Como é praxe, a emissora não restringiu o debate ao horário formal do

⁴ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1994/> Acesso em nov. de 2019.

⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1998/porque-nao-houve-debate/> Acesso em nov. de 2019.

programa, realizando diversas chamadas nas edições do Jornal Nacional e em chamadas específicas para o debate.

No caso das eleições presidenciais brasileiras, no ano de 2018, as emissoras de TV incluíram no próprio programa televisivo algumas referências que funcionam como territórios de significação das redes sociais com as que estabeleceram, inclusive, parcerias mencionadas no início dos debates. Algumas molduras mais sólidas que vamos percebendo na construção teleaudiovisual do debate eleitoral são as seguintes:

- a televisão; (na TV e na internet);
- a internet; (nela própria e na TV);
- o Twitter, sua interface e estética;
- a rede Globo e seu padrão tecnoestético;
- o programa (tanto o programa televisivo “debate” que consta na grade de programação, quanto o Twitter como programa);
- as *personas*: apresentador, candidato, assessores, jornalistas; o “cidadão comum” muitas vezes identificado como “indeciso” em relação ao candidato, o “perfil” ou usuário;
- os tempos e espaços (tanto os blocos, quanto o espaço e disposição dos candidatos, mas também o tempo/espaço do Twitter), entre outras.

Com esses e nesses territórios são construídos sentidos não somente ao debate eleitoral, mas também à televisão, às redes, aos mundos percebidos nesses territórios. A metodologia das molduras (KILPP, 2010) nos permite reconhecer esses sentidos, parando o fluxo das imagens e tirando da opacidade as diversas montagens. O cenário como arena recicla desde imaginários de lutas a imaginários jurídicos e mediáticos (quantos seriados policiais colocam o juiz, o advogado, o policial no meio de uma arena caótica que deve ser organizada e, se for o caso, punida). Por outro lado, a moldura William Bonner, nesta continuidade em todos os debates eleitorais adquire sentidos institucionais: ele seria, em termos enunciativos, a Rede Globo num certo exercício de cidadania que torna possível às audiências conhecer a proposta dos candidatos e fazer suas escolhas, como vem sendo dito pelo próprio apresentador ao longo dos debates a cada ano eleitoral.

Lembremos que o âncora com seu tom coloquial, entrando diariamente em nossos lares pela TV e se dirigindo diretamente à câmera, isto é, a nós telespectadores, reforça a forma em que televisão e qualquer mídia se relaciona conosco: a familiaridade,

a criação de hábitos que, aos poucos vão se tornando sentidos recorrentes. Não aprofundamos na moldura apresentador porque fizemos isso em outro momento (SILVA; MONTAÑO, 2019). Só lembramos que a escolha do âncora do Jornal Nacional para mediar os debates traz os sentidos dessa *persona* televisiva, construídos diariamente por anos, para o debate eleitoral. Assim, sentidos de seriedade, neutralidade, objetividade, imparcialidade, domínio da informação e do que passa no Brasil e no mundo são sentidos que a moldura Bonner dá ao debate, e indiretamente à emissora em questão. Esses sentidos ao mesmo tempo são tensionados e reforçados nas diversas formas em que se atualizam as teleaudiovisualidades em rede, como veremos a seguir.

5 As *personas* no debate teleaudiovisual

William Bonner, então, é construído na TV como *persona* central do debate. Aquele homem branco, de meia idade, de terno e gravata, sério, ao que vemos poucas vezes em um enquadramento que não seja médio ou *closed*, que diariamente está mergulhado “na notícia”, na “informação”, no “mundo”, na “política”. Ele está na política não como um político - que também é *persona* televisiva- , mas desde um outro lugar desde o qual ele olharia com equidade, com distância. No debate a moldura relógio cobra um espaço importante na enunciação de sentidos de “igualdade”, “justiça” para com todos os candidatos, assim como a organização do tempo que tem no relógio sua mais expressiva visualidade. O mediador do debate está localizado em uma espécie de púlpito onde fica em pé (como todas as *personas* do debate). Bonner é construído como vemos na figura 1 como centro do debate, mas ao mesmo tempo fora dele. Ele abre e fecha o programa, chama os candidatos, dá e retira o poder de fala a eles conforme as normas do debate que ele segue. O púlpito, que remete a um imaginário religioso e jurídico, estabelece sentidos de poder e autoridade em relação a quem está do outro lado dele (as *personas* candidatos, as outras *personas* televisivas que de vez em quando são mostradas acompanhando o debate e as *personas* televisivas que estão fora da TV, mas fazem parte das teleaudiovisualidades). Mas, o púlpito faz referência também a alguém ou algo que estaria acima de quem ocupa esse lugar: a lei de Deus, a lei jurídica.

Figura 1. A *persona* televisiva William Bonner e suas molduras



Fonte: g1.globo.com, 2020

5.1 O Twitter e suas ressignificações das *personas* televisivas

O termo Twitter, segundo os criadores Evan Willians, Jack Dorsey e Biz Stone refere significados em inglês, “uma pequena explosão de informações inconsequentes” e “pios de pássaros”, como sintetiza Telles (2010). Seu símbolo é o desenho de um pássaro azul e branco. O piar corresponderia às mensagens curtas que a plataforma permite. A hashtag (#) é utilizada no Twitter, com o objetivo de destacar uma mensagem em um tópico específico, se tornando uma palavra chave, que leva a outros assuntos, gerando um *hiperlink*, sendo utilizado como meio de pesquisa e busca na internet, já que, o termo em inglês “Hash” enquanto verbo significa “falar sobre ou discutir sobre”. As mensagens no Twitter estão molduradas por um conjunto de ações presentes nos botões “comentar”, “retwittar” (republicar a mensagem), “gostar” e “enviar por mensaje”. Por essa característica tecnocultural na que o Twitter se insere e outras redes sociais, os modos como as imagens e informações são molduradas e a quantidade de softwares acessíveis para alterar as imagens e compartilha-las em tempo rápido, essa rede social acaba agindo como a segunda tela que constantemente está tensionando ou reafirmando o que acontece na primeira tela. Há uma habilidade especial das redes e seus usuários por informações que a TV considera erros, sejam de ordem técnica, de ordem das falas ou dos gestos. Essas questões tendem a ser reapropriadas por usuários numa montagem que tem o potencial de ser associada aos mais diversos sentidos para muito além da TV, da Globo e da própria política.

Nas figuras que comentaremos a seguir, as *personas* televisivas são ressignificadas trazendo elementos outros às montagens dadas pela TV para construção de novos sentidos. A decodificação desses sentidos está muito relacionada ao

conhecimento de outros fatos ou imagens que também circularam pelas redes e são remetidas embora elas, como tais, ficam no fora de quadro (AUMONT, 1995).

Na Figura 2, vemos uma montagem inserida no perfil do Twitter com o nome *Laryssa* com uma imagem de primeiro plano das mãos do apresentador abrindo as perguntas que devem ser dirigidas as *personas* candidatos. No centro do papel onde ele estaria lendo há a montagem de uma foto de um casal: Fátima Bernardes, ex-esposa de Bonner e seu namorado atual. A legenda que encabeça essa montagem “A razão dos erros de Bonner #DebateNaGlobo” dá significados específicos ao aqui e agora dessas imagens. A vida pessoal do apresentador e de sua ex-esposa vem para dentro do quadro, deslocando a separação implacável que essas questões teriam nos mundos televisivos do Jornal Nacional ou do próprio debate. Resta pensar se com essa montagem o imaginário de objetividade tão institucionalizado da emissora é tensionado ou reafirmado, sendo que a interface das redes pode estar sendo significado como um espaço menor, amador, para brincar com montagens. Boa parte dos tuítes que mais se multiplicaram durante o debate tratava dos “erros” de Bonner durante o programa, pelo menos erros em relação às normas do programa que estariam acima dele assim como o presidente serviria a interesses acima dos partidos e os seus próprios.

As apropriações são também concentradas na *persona* Bonner pelos usuários intérpretes e opinativos quanto à atuação do mediador, ora acolhendo a justificativa do cansaço, enunciada pelo próprio jornalista, ou em tom sarcástico premiando-o com a música no Fantástico, “honraria” concedida pela TV Globo ao jogador que no domingo de futebol consegue marcar pelo menos três tentos em uma partida de futebol. Em outras manifestações, os tuítes se projetam com o reposicionamento da usuária em substituição ao próprio Bonner, pondo-se em cotejo o perfil rígido e austero do apresentador nas entrevistas com os candidatos no Jornal Nacional durante o pleito eleitoral de 2018 e um certo clima *soft* que o humaniza pelos erros cometidos no debate. Vemos isso na segunda parte da figura 2, um perfil que responde ao nome de “Vitu” divide a tela em duas imagens da mesma mulher: na primeira, ela parece estar xingando alguém, na segunda ela parece estar descontraída. A mulher nada teria a ver com o debate, contudo, no aqui e agora das televisualidades do debate, ela passa a conter o apresentador em diferentes molduras. A legenda é a moldura fundamental que atribui sentidos às fotos: “Bonner nas entrevistas no JN com os candidatos// Bonner no debate com os candidatos #DebateNaGlobo”.

O fato do apresentador errar, fazer algumas piadas sobre seus próprios erros e rir deles num plano pouco habitual, plano de conjunto, que mostra o corpo inteiro de pé, dobrado e dando gargalhadas também tensiona uma imagem construída por anos na mídia TV. As apropriações feitas nas redes, particularmente no Twitter notam isso e operam uma montagem com características em que o quadro é acionado pelo fora de quadro mais uma vez e precisamos dos dois para decodificar os sentidos.

Figura 2: A *persona* apresentador no Twitter



Fonte: Twitter, 2018

Cada perfil pode escolher entre diversas linguagens para suas mensagens: textos, fotos, vídeo, gifs. Contudo, a liberdade está limitada pela interface a seguir os processos mencionados para poder postar e as linguagens e número de caracteres de cada post. Um outro usuário que responde ao perfil “Canal Discórdia”, como vemos na figura 3, intervém nas imagens de uma das *personas* candidato, estabelecendo relações entre Álvaro Dias e a personagem central do filme Coringa, em cartaz na época do

debate. O usuário retirou o fundo, recoloriu a figura do candidato, sobretudo, sua boca e deu a legenda que ressignifica a imagem: “Aproveitaram a audiência do debate para divulgar o novo filme do Coringa #DebateNaGlobo”.

Figura 3. A *persona* candidato Álvaro Dias



Fonte: g1.globo.com, 2020

Ainda na figura 4, temos a ressignificação de outras *personas* candidatos. Essa imagem, aliás, deu origem a uma multiplicidade de atualizações das *personas* candidatos. A usuária que responde ao perfil “Dani Vasconcelos”, recortou a foto final do debate em que estavam todos os candidatos, deixando somente Guilherme Boulos e Ciro Gomes com um coração desenhado ao redor de ambos. Tanto nessa construção quanto em outras, o destaque vai para o olhar de Boulos dirigido a Ciro Gomes, tido como um olhar romântico. Em outros tuítes líamos “case com alguém que olhe para você como Boulos olha para Ciro” ou inclusive “amor, que temos para jantar hoje a noite?”. O perfil da figura 4 inseriu a legenda “Até Boulos se rendeu #TsunamiCiro12 #DebateNa#Globo”. Nesse caso destacando uma certa fama de galã do candidato Ciro Gomes. A construção tosca do coração, que revela um traço manual, assim como o corte pela metade dos candidatos que estão de cada lado é próprio da montagem do Twitter feita pelos usuários que busca uma associação clara com o debate, seja pelos restos que ficam ou pela legenda “#DebateNaGlobo”. Esse elemento, como já comentado, reúne as mais diversas ressignificações do debate na rede.

Figura 4. As *personas* candidatas Boulos e Gomes



Fonte: Twitter, 2018.

A descontextualização dos conteúdos próprios do debate na TV, com incorporação de novas imagens tem a permissividade pela programação das redes sociais e sua interface, com os movimentos admitidos para trabalhar com a imagem: curtir, compartilhar, intervir, inserir, editar, enfim, os diversos comandos que os aplicativos e dispositivos fornecem aos usuários. Mas, esses movimentos nos dizem algo sobre as imagens televisivas ou de qualquer natureza: imagens são para riscar, cortar, montar. Uma interface do Twitter no celular ou no notebook contém uma interface de restos de significados e imagens que remetem a mundos muito diferentes, televisivos ou não, midiáticos ou não, de ordem pública ou privada. Esse conjunto de perspectivas se tornou uma prática, não isolando a imagem na sua esfera de contemplação ou apreciação, como se exaurida na sua produção inicial.

6 Considerações finais

Ao longo desse ensaio passamos por algumas montagens que ressignificam as *personas* que molduram e que são molduradas no debate eleitoral, pelo menos, as *personas* apresentador e candidatos. Elas passam por molduras televisivas e por molduras no Twitter, algumas delas foram discutidas aqui. Entre outras, a moldura comentários e as *personas* comentaristas, trazem também uma diversidade de montagens que oportunamente serão consideradas. A TV moldura o apresentador como a mais importante das *personas* televisivas mas, sempre sujeita a uma instituição maior a dita democracia na sua construção específica na arena do debate da Globo. Os sentidos dados na TV a essa *persona* estão cercados de uma isenção quase sacra. Ele estaria de “nosso” lado, do lado da sociedade brasileira, aquela que os políticos deveriam de cuidar. Nas interfaces das redes questões consideradas irrelevantes na TV produzem algum tensionamento que autoriza às *personas* em cada perfil do Twitter justapor imagens (e imaginários) que a televisão nunca juntaria, a não ser por um erro ou vazamento. Os candidatos são moldurados no programa como aqueles que aspiram a ser presidentes e devem passar pelo crivo das perguntas, das normas do debate e da figura do apresentador. Se enfrentam numa arena técnica e esteticamente construída, extremamente normatizada pelas normas do debate, pelas normas da emissora e dos mundos televisivos. Nas interfaces do Twitter, as normas são outras. Um número de caracteres específico, inserção de fotos ou vídeo, mas com ele está toda uma tecnocultura que convida e permite montagens de imagens e imaginários. Na medida em que os aplicativos de montagens se multiplicam e se tornam fáceis de usar, as montagens tendem a levar as marcas padrão dessas interfaces. A diversidade de mundos a juntar e a possibilidade de pensar por montagem resulta extremamente potente nesse estágio da técnica. Contudo, o poder de montar como poder estético e político que desmancha territórios e dá a ver fronteiras parece estar sendo padronizado em relação aos estágios iniciais das redes. Contudo, temos aí uma forma de agir que, quando levada a sério, permite abrir um espaço de tensionamento e um poder (político e estético) de dar sentidos, de criar molduras teleaudiovisuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papiros, 1995.

AZEVEDO, Mário Joaquim Silva. **Sobre o Silêncio e da sua Entropia a partir de John Cage**. Tese apresentada em doutoramento de Educação Artística, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto, 2017 - <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108606/2/228364.pdf> (acesso em 11/10/2020)

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CALEGARI, Luiza. **Como assistir ao debate presidencial de Estadão e TV Gazeta. Exame**. Brasil, 9 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/como-assistir-ao-debate-presidencial-de-estadao-e-tv-gazeta/>>. Acesso em 10 mar. 2019.

CHION, Michel. **A Audiovisão**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FISCHER, Gustavo Daudt. Tecnocultura: aproximações conceituais e pistas para pensar as audiovisualidades. In KILLP, Suzana.; FISCHER, Gustavo Daudt. (Orgs.). **Para entender as imagens: como ver o que nos olha**. Porto Alegre: Entremeios, 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 .

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editora Presença, 1973 a, v. 1.

KILPP, Suzana. **A traição das imagens: espelhos, câmeras e imagens especulares em reality shows**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

KILPP, Suzana. **Imagem-duração e teleaudiovisualidades na internet**. Curitiba: Appris, 2018.

LOURENÇO, L. C. (2008). **Abrindo a Caixa-Preta: da indecisão à escolha na eleição presidencial de 2002. 2007**. Tese (doutorado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding media)**. São Paulo, Editora Cultrix, 1964.

NETO, W. (2012). A construção do primeiro debate presidencial dos Estados Unidos. **Revista Oficina do Historiador**. EDIPUCRS, v. 5, n. 2, jul./dez, pp. 145-159.

RODRIGUES, Daniele Cristine. **A produção de sentido na convergência entre televisão e segunda tela**. São Paulo: 2014, dissertação, USP, 2014.

SILVA. Amaury Silva e MONTAÑO, Sônia. **Teleaudiovisualidades dos debates eleitorais para presidente**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a

7/09/2019 - <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1649-1.pdf> - acesso em 11/10/2020.

TELLES, André. **A Revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo- SP: Editora M. Books do Brasil editora Ltda. 2010.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. Tradução de Denise Bottmann, 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987^a, v. 1.

VERÓN, Eliseo. **O último debate: meditação sobre três desencontros**. In: Fausto Neto, Antonio.; Verón, E. Lula presidente: televisão e política na campanha eleitoral. São Paulo: Hacker, 2003.

WEBER, M. H.; Abreu, C. R. (2009). **Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico**. [S.l: s.n.].

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade (1780-1950)**. Tradução de Leônidas H.B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.